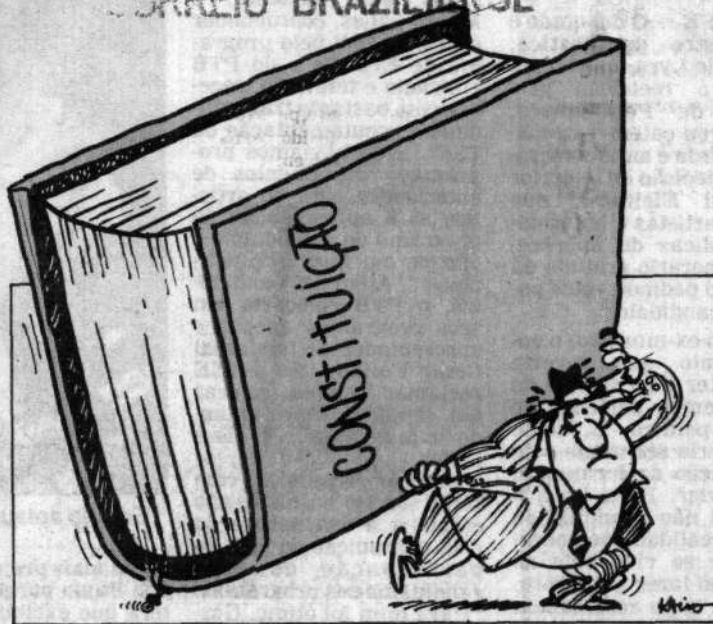


ANC - CPEC
X

Lembra-vos dos dez mandamentos!

LUIZ ADOLFO PINHEIRO 13 SET 1986

CORREIO BRAZILIENSE



Se uma Comissão Constitucional de apenas cinqüenta pessoas produziu um projeto de Constituição com quatrocentos artigos — o dobro do tamanho da que está em vigor — qual será o volume a ser produzido pela Assembléia Nacional Constituinte, que terá 487 deputados e 72 senadores, num total de 559 congressistas?

A prevalecer a lógica matemática, a Assembléia produzirá um texto dez vezes maior, isto é, uma Constituição de quatro mil artigos mais ou menos do tamanho do catálogo telefônico da região metropolitana de São Paulo.

Trata-se de uma projeção exagerada, mas o certo é que vamos ter uma Constituição muito mais para extensa do que para compacta. E será lamentável, pois o Brasil precisa colocar na sua Carta Magna apenas o essencial, o que se pretende que seja permanente. Enfim, uma Constituição para o próximo século, não para os próximos quatorze anos finais do Século XX.

A leitura do anteprojeto de Constituição elaborado pela Comissão e propositalmente vazado para a revista **Manchete** — aliás, um furo jornalístico elogiável — nos deixa a convicção de que honestidade de propósitos é o que não faltou aos membros da Comissão. Infelizmente, a objetividade está ausente do texto.

A sinceridade e o espírito democrático estão presentes na Carta. Mas a Comissão, certamente por questões de economia interna, como o escrúpulo de não ferir susceptibilidades e nem desprezar colaborações

úteis, acabou produzindo um texto abrangente demais. Tudo o que está escrito no anteprojeto poderia ser resumido, sem exagero, em um terço dos artigos. É só cortar os adjetivos, congregar melhor as partes afins, eliminar as redundâncias e tornar explícito que leis complementares, especiais ou comuns — ou as Constituições estaduais — se encarregarão de legislar com detalhes sobre este ou aquele aspecto enfocado na Constituição.

Esta é uma questão séria que vai ser posta diante dos futuros Constituintes. Pelo que se conhece da experiência brasileira, é lícito acreditar que teremos uma Constituição imensa, que

vai descer a particularidades ainda mais minuciosas do que o texto produzido pela Comissão Constitucional.

Não é essa a necessidade brasileira. O País, ao contrário, reclama por uma Constituição enxuta, capaz de muito em poucas palavras e de se preocupar com o essencial do interesse do cidadão e da natureza do Estado democrático que se pretende alcançar.

Além disso, é preciso que os futuros constituintes tenham plena consciência — e ponham isto no papel — de que o Brasil é um imenso território qual é preciso combinar a engenhosidade política de centralizar o mínimo e descentralizar o máximo.

Centralização é sempre si-

nônimo de totalitarismo e ditadura. O Estado moderno precisa, por força da complexidade social, de estar presente e atuante na economia e na vida nacional. Até aí estamos todos de acordo, desde a esquerda até a direita mais reacionária.

O verdadeiro espírito democrático começa na hora de se discutir a descentralização e a desestatização, ou a não-estatização. E aí que os democratas verdadeiros começam a se distanciar dos totalitários, sejam sandinistas ou pinochetistas. Tanto a esquerda quanto a direita têm apetite pelo aumento do poder do Estado. O que só acontece à custa das liberdades dos cidadãos.

Esse vai ser o ponto crucial da nova Constituição, pois está fora de dúvida que o regime político e a ordem econômica e social do País não serão alterados substancialmente pela futura Assembléia Constituinte. (Aliás, um nome muito pomposo para um Congresso igual aos outros e que poderá ser até pior).

O trabalho da Comissão Constitucional, que merece respeito, mostra que só as boas intenções não valem na hora de redigir uma nova Constituição. Os futuros congressistas-constituintes vão ter de refrear o apetite para o detalhamento e a verbosidade. Será necessário todo o empenho para que a nova Carta Magna afaste-se da imagem de um vasto catálogo telefônico e se aproxime o máximo possível dos Dez Mandamentos, exemplo perfeito de que dizer muito com poucas, pouquíssimas palavras. E com a capacidade de durar para sempre.